

Sobre o choro: Análise de perspectivas teóricas

ANA SOFIA CORREIA DOS SANTOS (*)

Darwin, citado em Pedro Luzes (1983), foi o primeiro a demonstrar a importância das emoções no estabelecimento das relações interpessoais, com base na sua função de comunicação. As emoções, linguagem de base biológica, estão em estreita relação com os movimentos expressivos. Constituem um estado total que permite uma intercomunicação, nomeadamente, entre crianças e adultos.

Darwin, citado em Pedro Luzes (1983), fala, não só, dos movimentos expressivos, mas também do reconhecimento desses movimentos, a propósito do que refere que não há dúvida que os animais reconhecem os apelos das suas crias que emitem sinais solicitadores do seu auxílio. Admite que o mesmo se passa com a espécie humana em que os movimentos revelam intenções. Na sequência do trabalho de Darwin, citado em Pedro Luzes (1983), várias abordagens foram desenvolvidas para tentar delinear o papel das emoções nas relações interpessoais, nomeadamente a psicanalítica. A presente análise de algumas abordagens vai cingir-se à relação precoce mãe-filho.

1. É O CHORO DO RECÉM-NASCIDO TEORICAMENTE IMPORTANTE PARA O MODO COMO FREUD CONCEBE A ORIGEM E FORMAÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO?

Embora, em toda a sua obra, Freud (1988) não se tenha debruçado muito sobre o período que antecede a fase edipiana, atribui ao choro do bebé um papel importante na sua teoria.

O recém-nascido apenas pode descarregar a sua tensão que surge da sua necessidade interna de manifestação difusa, casual das emoções, através de gritos, segundo o esquema reflexo que constitui a primeira estrutura do aparelho psíquico de Freud (1988).

Sendo uma expressão de emoção, o choro é primeiro que tudo uma modificação autoplástica. Por outro lado, ele é entendido pelo meio como um sinal ao qual o meio responde (modificação aloplástica), permitindo uma experiência de satisfação e aliviando a tensão. Deste modo, a descarga adquire uma segunda função, a de comunicação. Forma-se uma nova estrutura do aparelho psíquico, onde o significado existe ao nível elementar do sinal. Daí que Freud, citado por Anzieu (1979), veja, na utilização do grito do bebé como «sinal de sofrimento, a origem da compreensão mútua entre os seres humanos» (op. cit., p. 18). De algum modo, o choro medeia a experiência de necessidade e a experiência de satisfação alucinatória da necessidade; surge, aqui, o processo psíquico primário.

(*) Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal.

A imagem mnésica (de experiência de satisfação), que permaneceu associada ao traço mnésico da excitação da necessidade, é investida pela energia psíquica quando ocorre novamente a experiência de necessidade. O aparecimento da percepção é a realização do desejo. Esta imagem mnésica já não está relacionada com o registo do som mas é principalmente visual ou motora. A satisfação é uma auto-satisfação e não depende do meio, como anteriormente. Aqui, já não estamos ao nível do sinal mas está presente uma forma de simbolização que corresponde à associação entre imagem mnésica e a actividade instintiva. Nova complexificação surge com a articulação de traços verbais (representantes de palavras) à representação das coisas, o que institui o processo secundário. Mas, como comenta Anzieu (1976), o que é fundamental reter é que Freud descreve, como origem desta articulação, a articulação entre sons e percepções.

Apartir da experiência de choro do bebé, Freud, citado por Anzieu (1976), não só delinea, desde a origem, a evolução do funcionamento do aparelho intrapsíquico como chega às instâncias que o constituem, segundo a sua conceptualização.

A referência ao papel da mãe, neste processo, é ténue na medida em que a mãe é importante enquanto possibilita a satisfação real da necessidade de alimento. Freud, citado por Spitz (1988) conceptualiza a relação mãe-filho como uma relação de dependência original que a criança tem da pessoa que a alimenta, protege, cuida. Na medida em que Freud, citado por Spitz (1988), considera que «as vivências do recém-nascido são experimentadas em conexão com funções vitais que servem ao propósito da auto preservação» (op. cit., p. 22), a situação de alimentação é a base do desenvolvimento psicológico do recém-nascido. Com isto, Freud, citado por Spitz (1988), marca a sua diferença de autores mais recentes da relação mãe-filho, que referirei posteriormente.

2. CONTRIBUTOS EMPÍRICOS PARA O ESTUDO DO CHORO COMO UM DOS PRIMEIROS MODOS DE CONTACTO EMOCIONAL RECÍPROCO

Spitz (1988) foi talvez o primeiro autor que

estudou, experimentalmente, o nascimento dos afectos no bebé.

Para este autor (1988), no início, existem estados de tensão fisiológica que, progressivamente, perdem o seu carácter difuso aparecendo então manifestações de desprazer mais específicas e estruturadas. O choro é a expressão afectiva maior. Nesta altura, a criança reage de forma arcaica, através de um reflexo, às sensações vindas do interior ou do exterior. No terceiro mês de vida ocorre uma mudança, surge a capacidade de assinalar as suas necessidades para o meio que a rodeia, o que constitui uma manifestação activa, dirigida e intencional. Através do choro, que corresponderia a um apelo, a criança sinaliza as suas necessidades.

Anzieu (1979) salienta o facto das observações de Spitz, sobre o banho de falas em que a criança vive e sobre a constituição primitiva de uma cavidade olfactiva, táctil e sonora, que engloba a mãe e o filho numa troca de sensações, terem levado a considerar que a reprodução intencional em espelho, pelo adulto, de um som que a criança sabe articular, é fundamental para esta aceder a uma comunicação simbólica.

Há já alguns anos que toda uma linha de investigação tende a demonstrar que as emoções são a principal modalidade para estabelecer uma comunicação entre a criança e o adulto.

Um dos meios preferenciais de transmissão da emoção, nas fases iniciais da vida, é o meio vocal, que parte quer da mãe quer do bebé.

Várias investigações, nomeadamente as de Wolff, citado por Pedro Luzes (1983), demonstram empiricamente que os meios audio-fónicos são um dos primeiros modos de contacto emocional recíproco mãe-criança. Wolff, citado por Pedro Luzes (1983), discrimina quatro gritos distintos apartir da terceira semana de vida: o grito de fome, cólera, dor, e frustração. Também, desde a terceira semana aparece o grito de desamparo que, constituindo a primeira expressão emocional do tipo intencional, pretende chamar a atenção. Desde a quinta semana o bebé consegue distinguir a voz da mãe de outras vozes mas ainda não consegue distinguir a sua face de outras faces. A voz da mãe revela-se também o melhor meio de apaziguar os gritos. Rapidamente o bebé começa a discriminar o valor expressivo da intervenção acústica do adulto. Parece, então, que os bebés são, muito precocemente, sensíveis ao

feedback do ambiente. Esse feedback é de natureza audio-fónica e diz respeito primeiramente ao choro e depois às vocalizações. Deste modo, a aquisição da significação pré-linguística (do choro e depois do balbucio) precede a da significação infra-linguística (das mímicas e gestos) (Anzieu, 1985).

As experiências de Wolff, citado por Pedro Luzes (1983), contradizem, de algum modo, a cronologia apresentada por Spitz (1988), que assinala a primeira manifestação intencional ao terceiro mês. Wolff, citado por Pedro Luzes (1983), ao mostrar que o grito de desamparo (intencional) ocorre na terceira semana de vida, afirma a precocidade do papel activo do bebé e afirma a reciprocidade deste sistema de comunicação audio-fónico mãe-bebé.

Todas estas experiências revelam capacidades muito precoces de audição e fonação nos recém-nascidos às quais as teorias psicanalíticas não podem ficar indiferentes. Torna-se, portanto, imprescindível que as teorizações avancem paralelamente ao conhecimento empírico sobre o comportamento do bebé. É o que se observa em alguns autores que preconizam a relação mãe-filho numa perspectiva psicodinâmica, sobre os quais me vou pronunciar.

3. A IMPORTÂNCIA DE ACOMODAR TEORICAMENTE OS RESULTADOS EMPÍRICOS SOBRE O CHORO DO RECÉM-NASCIDO PARA CRIAR NOVAS TEORIAS DA INTERACÇÃO MÃE-FILHO

3.1. *A proposta de Anzieu*

Anzieu (1985) refere a importância de uma comunicação emocional de base sonora para a constituição, numa fase muito precoce, do self, cuja forma primária seria a de um «invólucro sonoro». Este self, constituído por introjecção do universo sonoro, seria uma cavidade psíquica pré-individual dotada de um esboço de unidade e de identidade. Esta introjecção implica que a mãe faculte à criança experiências audio-fónicas primitivas de carácter emocional, mas com a participação da criança no sentido de receber os sons que esta produz, como o choro e o grito. Estas experiências, que Anzieu (1985) chama de

«banho sonoro» ou «espelho sonoro do self», prefiguram o eu-pele e a sua dupla face (para fora e para dentro) pois que o invólucro sonoro é composto de sons emitidos, alternadamente, pelo bebé e pelo meio. A combinação desses sons produz: um espaço-volume comum permitindo uma troca bilateral, uma primeira imagem do corpo espacio-auditiva e uma ligação fusional real com a mãe sem a qual a ulterior fusão imaginária seria impossível.

Anzieu (1985) mostra a importância do «espelho sonoro» na aquisição da capacidade de simbolizar. O bebé é introduzido no mundo de ilusão através daquele que, ao escutá-lo, reveste o self de uma «harmonia». Em contrapartida, a criança repete os sons e assim estimula-se a si próprio.

3.2. *A proposta de Winnicott*

Winnicott (1988) coloca o grito ao mesmo nível dos outros fenómenos transicionais. No entanto, é o banho sonoro que a mãe proporciona ao bebé que permite criar este mundo de ilusão, que o bebé começa a usar para fortalecer o seu self e iniciar o seu ego. Trata-se de uma zona intermédia entre o erotismo oral e a verdadeira relação objectal que permite à criança proteger-se de angústias de separação da mãe, através do objecto transicional que representa o objecto da primeira relação.

Winnicott (1989) dá particular ênfase aos cuidados maternos que define como as qualidades e modificações da mãe que se adapta às necessidades específicas do bebé sobre o qual está centrada. Esta sua posição mudou, de algum modo, a abordagem psicanalítica que até então preconizava a importância da relação de satisfação oral.

Winnicott (1989) releva os cuidados maternos na medida que permitem que o bebé desenvolva o seu potencial inato, atinja uma estruturação psíquica e uma individualidade. Na sua opinião, é fundamental que a mãe desenvolva uma atitude adequada aos comportamentos do bebé. Assim, se numa primeira fase, de dependência absoluta, a compreensão maternal das necessidades do bebé se baseia na empatia e na capacidade de identificação com o bebé, à medida que o bebé começa a diferenciar-se da mãe, essa compreensão passa a estar baseada em qualquer coisa que indica a necessidade no bebé, como o choro. O choro adquire, assim, um papel funda-

mental a partir desta fase, de começo de diferenciação do bebé da mãe. O choro, correspondendo a uma expressão de necessidades específicas, exige uma conduta activa na descoberta das suas razões.

Winnicott (1957) distingue quatro tipos de choro: de satisfação, dor, raiva e tristeza que, de algum modo, transmitem a evolução do bebé porque o seu aparecimento implica estruturas psíquicas progressivamente mais complexas.

Assim, se o choro de dor ou de fome pode acontecer em qualquer ocasião desde o nascimento, a raiva aparece quando o bebé está apto a concatenar certos acontecimentos e é uma reacção directa à frustração. O medo, indicando a expectativa de dor, significa que o bebé elaborou «ideias próprias». A tristeza indicará algo muito mais complexo; significa que a criança já conquistou o seu lugar no mundo e começou assumir a sua responsabilidade em relação ao meio.

3.3. A proposta de Bettelheim

Bettelheim (1987) vê no choro e na resposta apropriada e positiva da mãe a raiz do relacionamento e da comunicação no bebé humano.

Para Bettelheim (1987) é fundamental que o bebé se sinta activo. Daí que refira que, horários alimentares artificiais podem desumanizar o bebé e impedir a experiência sociabilizadora, na medida em que o impedem de sentir que as suas acções (choro) têm um efeito significativo em experiências importantes da sua vida como a de alimentação. De facto, o choro do bebé por alimento necessita de uma resposta imediata de saciedade por parte dos outros, pois só assim este terá a experiência de agir sobre o meio, o que marcará tentativas posteriores de acção auto-motivada e o desenvolvimento de uma actuação recíproca com os outros.

O choro, como actividade espontânea e mesmo casual do bebé, reveste-se de grande importância na medida em que, quando respondido consistentemente, permite ao bebé definir, gradualmente, a expressão das suas necessidades (através das quais actua) e posteriormente a dos seus sentimentos (através dos quais interage). A importância de todo este processo para o desenvolvimento não pode ser subestimada.

A perspectiva destes autores sobre a teoria da

relação mãe-filho difere profundamente da perspectiva de Freud (1988). Senão vejamos:

- O bebé percebe o mundo desde os primeiros dias de vida. Ele é já um ser activo e, por isso, não necessita unicamente de ser estimulado mas sim respondido. É necessário então que a mãe compreenda os sinais do bebé pois o seu desenvolvimento psicológico precoce, nomeadamente das competências sociais, parece depender de quão apropriada é a resposta da mãe, desde os primeiros momentos de vida. Esta posição difere daquela que considera que o desenvolvimento nos primeiros tempos de vida depende de quão satisfeitas estão as necessidades orais da criança.
- Na perspectiva destes autores o eu não é uma transformação do id em contacto com a realidade mas uma entidade que resulta de uma relação. Nesta relação, a mãe assume um papel fundamental porque proporciona uma alimentação emocional e porque desperta, recebe e elabora emoções do bebé que têm a sua expressão no choro. A mãe é, nesta perspectiva, um objecto de relação primária.

Como referi anteriormente, muitos autores de interacção precoce fizeram do choro o objecto isolado das suas investigações, em grande parte porque, privados do meio privilegiado da Psicologia – a linguagem – foi necessário, para compreender o bebé, atender a outros canais de comunicação de que as manifestação vocais, como o choro, são exemplo.

Estes estudos recorreram fundamentalmente à metodologia de observação da Etologia que se mostrou um meio eficaz de estudar o choro no bebé.

3.4. A proposta de Brazelton

O autor da interacção precoce que pretendo mencionar é Brazelton (1962). As investigações e as conceptualizações deste autor sobre o choro prendem-se com a noção de estádio. Um dos estádios possíveis em que o bebé se pode encontrar é o estádio de choro.

Na perspectiva de Brazelton, citado por Gomes Pedro (1985), quando o bebé «utiliza» o choro está a controlar as suas reacções às tensões

endógenas e exógenas. Este é um mecanismo importante para o bebé e representa a sua capacidade de se organizar. Segundo esta ideia, o estágio de choro é um mecanismo de regulação que o bebé «utiliza» para descarregar toda a sua actividade e energia acumulada e que lhe dá a oportunidade de passar a um estágio mais calmo (Lebovici, 1987).

Do ponto de vista da interacção, o estágio representa uma forma arcaica de comunicação entre o bebé e a mãe. Assim, o estágio de choro pode comunicar à mãe a disposição do recém-nascido para a interacção e a necessidade de protecção. Neste sentido, ele conduz rapidamente aos cuidados maternos, cuja regularidade e consistência permitem ao bebé criar elos entre o choro e o tipo de cuidados dispensados. A partir daí, a utilização do choro conta com a capacidade de antecipação, pelo bebé, da resposta da mãe.

O choro pode ainda indicar a necessidade de cortar o contacto com o ambiente.

Brazelton (1981) enfatiza particularmente a ideia de que o bebé, através dos seus estádios, modula o ambiente. No fundo, quase que poderíamos dizer que «a função faz o órgão» na medida em que, a partir do momento em que o bebé se adapta activamente ao seu potencial neurofisiológico (dispõe e controla os seus estádios), ele é capaz de o alterar e controlar consoante o seu objectivo de interacção com a mãe.

Combinando as diferentes propostas teóricas descritas, parece razoável afirmar que as opiniões destes autores sobre o choro reflectem perspectivas, ligeiramente, diferenciadas da interacção mãe-filho.

Hoje aceita-se que a mãe e o bebé se influenciam mutuamente na relação. É aqui, contudo, que as diferenças entre os autores, se estabelecem:

Anzieu (1976), Winnicott (1957) e Bettelheim (1987), autores da relação objectal, enfatizam mais o papel activo que a mãe toma ao perceber as necessidades que o bebé expressa e ao dar respostas adequadas ao bebé.

Por outro lado, Brazelton (1989) privilegia o papel do bebé na interacção e as suas competências para interagir. Para ele o bebé impõe um ritmo na relação, condicionando as acções da mãe. Outra diferença entre estes autores é que, enquanto os primeiros procedem à análise do choro e do seu papel na interacção numa pers-

pectiva de desenvolvimento da personalidade, Brazelton (1962) investiga o choro na interacção numa perspectiva de intervir precocemente na relação mãe-filho e na adaptação da mãe às competências e características individuais do bebé.

3.5. *O choro é um sinal de vínculo*

Continuando a pensar no choro do ponto de vista relacional, e de um modo global, temos então que considerar dois elementos de análise: por um lado, o choro é algo de que a criança dispõe precocemente como seu recurso e com o qual entra na relação, por outro lado, o poder metafórico deste modo de expressão suscita «um banho de afectos interrelacional» (Lebovici, 1987) e antecipações maternas desde o primeiro dia. A partir desse momento, o choro ganha significado e toma aspectos diferentes com o objectivo de comunicar no contexto da interacção.

Daqui pode-se dizer que, o bebé que desenvolveu esta forma primária de expressão de cargas emocionais e que a utiliza para comunicar é o bebé que estabeleceu, numa fase anterior, uma relação, um vínculo. O choro é, pois, um sinal de vinculação. Esta ideia é suportada por várias observações:

1. Lucien Malson (1978), a propósito das crianças selvagens, observa que a sensibilidade e a afectividade só muito lentamente se vão enriquecendo e que o choro não acontece senão passado muito tempo, a partir do momento em que são postas em contacto com pessoas;
2. Por outro lado, um dos sintomas do autismo é a ausência de choro;
3. Ainda, Bowlby e Spitz, citado por Pedro Luzes (1983), quando falam da separação da criança da mãe, observam que numa terceira fase de desinteresse, desvinculação, a criança já não chora ou grita.

Também, Murray (1979) descreveu dois modelos que conceptualizam o choro como elicitador de cuidados maternos:

1. Num dos modelos, o choro é visto como um activador de emoções de natureza altruísta ou egoísta. O choro é uma acção reflexa involuntária ao sofrimento do bebé e

que cria sentimentos de desconforto no adulto. As emoções egoístas suscitadas pelo choro levam a respostas de evitamento ou afastamento pela mãe no sentido de diminuir o seu próprio desconforto (Frodi, Lamb, Leavitt e colaboradores, 1978). As emoções altruístas, que pretendem reduzir o desconforto do bebé, conduzem a comportamento de remoção, pela mãe, da causa desse desconforto. Este modelo tem como quadro de referência o modelo empático de Hoffman, citado por Frodi, Lamb, Leavitt e colaboradores, 1978. Tomkins, citado por Pedro Luzes (1983), quando na sua teoria se refere à socialização do choro, aponta duas atitudes polarizadas que conduzem a duas acções opostas, face ao choro. Essas atitudes são: as punitivas, entre as quais estão os castigos, os gritos, o «deixar chorar», e as consoladoras que conduzem a uma socialização positiva do choro. De facto, o choro do recém-nascido humano geralmente aumenta a proximidade e investimento do adulto (Ainsworth, 1969), mas é aparentemente também desencadeador de riscos sérios de abuso de crianças e mesmo infanticídio (Frodi, 1981). Isto tem sido chamado o «paradoxo do choro» (Barr, 1990), do qual se falará, em mais pormenor, adiante.

2. Num outro modelo, segundo um quadro de referência etológico, o choro é um sinal de desconforto desencadeador de cuidados adaptativos pela mãe. O choro protege o indivíduo e ajuda a assegurar a sobrevivência da espécie. Nesta perspectiva, encontram-se integrados os trabalhos de Bowlby (1984) e de Bell e Ainsworth (1972). Para Bowlby (1984), o choro é um sistema comportamental primitivo do recém-nascido pronto para ser activado por estímulos. O choro fornece as bases para o desenvolvimento ulterior do comportamento de apego. É um comportamento de assinalamento cujo efeito é o restabelecimento da proximidade da mãe em relação à criança. Segundo Sanders e Julia, citados por Lebovici (1987), «os gritos formam o equivalente a um cordão umbilical acústico» (op. cit., p. 141). Este comportamento assegura a protecção contra os predadores e, na pers-

pectiva de Murphy, citado por Bowlby (1984), confere ao bebé a oportunidade de aprender com a mãe várias actividades necessárias à sobrevivência. Bell e Ainsworth (1972), acentuam o facto da resposta da figura de apego, que elas definiram como sensibilidade maternal ao choro, permitir a sua socialização e a introdução de variações na sua utilização.

Muitas investigações recentes sobre o choro utilizam como quadro de referência a teoria de apego de Bowlby (1984). Entre as quais estão os trabalhos desenvolvidos por Eurico Figueiredo (1985). Este autor pressupõe que o choro é uma forma de comunicação especificamente dirigida à figura de apego, e que a disponibilidade da mãe e qualidade da relação precoce determinam a evolução do grito para outras formas de comunicação mais intencionais. Utiliza então uma situação de separação mãe-filho, com bebés de 6, 9, 12, 15, e 18 meses, que lhe permite concluir que a resposta do bebé à separação se desenvolve desde o grito automático até à aquisição da capacidade de chorar, num processo de compensação interna. Enquanto que bebés mais novos reagem à separação com gritos e respostas motoras intensas, mais tarde a reacção é de choro com inibição motora. Para Eurico Figueiredo (1985), esta capacidade de chorar corresponde, do ponto de vista do desenvolvimentos cognitivo, à capacidade de conceptualizar os objectos internamente, e do ponto de vista do desenvolvimento psico-afectivo, ao estabelecimento do *attachment*.

3.6. *Valor evolutivo do choro e suas repercussões na compreensão do choro do recém-nascido humano*

As vocalizações solicitadoras de cuidados não são limitadas aos bebés humanos. São comuns em aves e em outras espécies mamíferas, e ocorrem ao longo da ordem primata (Newman, 1985). Alguns autores têm-se preocupado em estudar o choro humano no contexto da teoria da evolução, tendo em conta o valor deste sinal, evolutivamente (Godfray, 1991). Na opinião de alguns autores, a resolução para o «paradoxo do choro» pode estar ligada ao estudo deste sinal numa perspectiva evolutiva. O «paradoxo do

choro» tem suporte no facto do choro ser aparentemente necessário para o recém-nascido solicitar cuidados mas poder resultar em reacções por parte dos adultos que têm impacto sobre a sua oportunidade de sobrevivência. Uma resolução para este paradoxo tem que explicar, quer os aspectos benéficos das reacções dos adultos, quer os aspectos dessas reacções que reduzem as hipóteses de sobrevivência da cria. Zahavi (1975) e Grafen (1990) argumentam que o choro pode constituir um sinal que comunica de forma eficaz a qualidade fenotípica de quem enviou o sinal e, neste sentido, pode ter tido um papel potencialmente importante na evolução do choro do recém-nascido humano. Nas aves, os progenitores que avaliam, discriminativamente, a qualidade fenotípica das suas crias antes de responder às suas solicitações podem evitar os custos, para a sobrevivência, de investir em crias inviáveis. Godfray (1991), apresenta um modelo que pressupõe que existe algum tipo de critério que permite que os progenitores avaliem o valor reprodutivo das suas crias. Algumas espécies parecem ter esses componentes de avaliação nos seus dispositivos neonatais de solicitude (Lyon, Eadle & Hamilton, 1994; Bustamante, Cuervo & Moreno, 1992). Nos seus estudos, alguns autores preocupam-se em avaliar predições feitas a partir da hipótese de que o choro do recém-nascido humano contém, ele próprio, critérios que permitem a avaliação parental do valor reprodutivo das suas crias. Ou seja, é possível que a estrutura acústica das vocalizações de choro indique, de forma precisa, a condição de um recém-nascido a chorar, e, assim, se correlacione com o seu valor reprodutivo intrínseco. Os padrões de investimento e ligação parental dependem de uma avaliação precoce do valor reprodutivo da cria (Daly & Wilson, 1995), e estes autores propõem que o choro constitui uma importante fonte de informação, para os pais, das capacidades das crias, durante este período de avaliação. Existem muitos indícios comportamentais e físicos da saúde das crias que estão disponíveis para os pais (respiração irregular, erupção, etc.), mas porque o choro envolve aspectos neurológicos, cardio-respiratórios e vocais, que não são facilmente avaliados através de uma erupção de pele, o choro pode revelar informação sobre a estrutura interna e a integridade física da cria. A selecção deverá ter favorecido respostas discriminativas a estes índi-

ces. Se assim é, duas predições testáveis tornam-se evidentes: os parâmetros acústicos do choro estarão correlacionados com a condição fenotípica da criança, e os parâmetros relevantes do choro estarão correlacionados com os comportamentos de investimento parental (ou com emoções como hostilidade ou preocupação, que provavelmente inspiram comportamentos como abuso ou negligência, ou investimento imediato).

1. **condição do bebé e acústica do choro:** O choro de crianças normais tem uma frequência média aproximada de 300-600Hz (Furlow, 1997). Desde crianças com lesões cerebrais, a crianças prematuras, asfixiadas e desnutridas, baixas condições de sobrevivência estão significativamente correlacionadas com um aumento significativo da frequência do choro (Frodi, 1985; Morley, Thornton, Cole, Fowler & Hewson, 1991). A frequência do choro é mais exclusivamente indicativa de doença séria do que sintomas tipicamente detectados pelos pediatras, incluindo uma mudança de respiração ou da pulsação, ou temperatura, ou desidratação (Morley e colaboradores, 1991). A magnitude da anormalidade da frequência do choro está correlacionada com a magnitude dos impactes na oportunidade de sobrevivência da criança. Por exemplo, a severidade da anormalidade da frequência em crianças com meningite é mais pronunciada em bebés mais tarde diagnosticados com sequelas neurológicas. A frequência do choro está também associada com o desenvolvimento cognitivo subsequente (Donzelli, Rapisardi, Moroni, Scarano, Ismaelli & Brusciaglioni, 1995). Aos 18 meses e aos 5 anos, as pontuações de crianças em testes cognitivos foram previstas pela análise da frequência do choro durante a primeira infância – bebés com frequências de choro mais elevadas e variáveis tinham pontuações significativamente mais baixas em testes cognitivos dos que outras crianças (Lester, 1987).

2. **Choro e reacções parentais:** O choro é reconhecido em muitas culturas como um sinal de saúde na criança. Na tribo africana Igbo, bebés que não chorem vigorosamente são abandonados na floresta (Basden,

1966). Estudos laboratoriais sobre as reacções dos adultos a choros gravados evidenciam uma reacção emocional negativa a choros de frequência elevada, nas culturas ocidentais (Crowe & Zeskind, 1992). As reacções dos adultos ao choro são semelhantes apesar de diferenças na experiência em cuidar de crianças, do sexo, da idade (Furlow, 1997). A resposta cardíaca e os níveis de conductabilidade da pele suportam os estados emocionais auto-relatados (Furlow, 1997).

Parece pois que o choro fornece informação sobre a saúde da criança e pode servir como um índice importante de valor reprodutivo da cria para os pais. Os pais, por sua vez, reagem negativamente a, pelo menos, um aspecto acústico correlacionado com baixo valor reprodutivo das crianças – a frequência do choro. Se a medida de aversão, em laboratório, é indicadora das emoções parentais face ao choro em ambientes naturais, parecerá que crianças pouco saudáveis poderão sofrer de um investimento reduzido ou mesmo de hostilidade parental. Contudo, uma limitação óbvia destes estudos é ter por base dados correlacionais, e com a excepção das reacções emocionais às variações acústicas do choro, a causalidade ser assumida em vez de estabelecida empiricamente.

Enquadrar o choro numa série de modelos teóricos diferentes e, a partir dessas abordagens, discutir a sua importância e função no domínio da interacção mãe-bebé foi o objectivo deste artigo. A capacidade de chorar parece corresponder, do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, à capacidade de conceptualizar os objectos internamente, do ponto de vista do desenvolvimento psico-afectivo, à capacidade de estabelecer a vinculação, e o choro parece ser um sinal comportamental carregado de valor evolutivo. Que essas conceptualizações teóricas possam evoluir acomodando os resultados das investigações experimentais, cada vez mais especificamente desenhadas para testar hipóteses relacionadas com o choro do recém-nascido, é o que se pretende de uma área de estudo tão promissora e com um impacto tão grande na compreensão do desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the mother-infant relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Anzieu, D. (1976). *L'enveloppe sonore du soi*. Paris: La Nouvelle Revue de Psychanalyse.
- Anzieu, D. (1979). Para uma psicolinguística psicanalítica: breve balanço e questões preliminares. In D. Anzieu, B. Gibello, R. Gori, et al. (Eds.), *Psicanálise e linguagem* (pp. 9-24). Lisboa: Moraes Editores.
- Anzieu, D. (1985). *Le moi-peau*. Paris: Dunod.
- Barr, R. G. (1990). The early crying paradox. *Human Nature*, 1 (4), 355-389.
- Basden, G. T. (1966). *Among the Ibos of Nigeria*. London: Frank Cass & Co.
- Bell, S. M., & Ainsworth, M. S. (1972). Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development*, 43, 1171-1190.
- Bettelheim, B. (1987). *A fortaleza vazia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Brazelton, T. B. (1962). Crying in infancy. *Pediatrics*, 29, 579-588.
- Brazelton, T. B. (1981). Comportement et compétence do nouveau-né. *Psychiatrie de L'Enfant*, 2, 375-397.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1989). *The earliest relationship*. USA: Publishing Company.
- Bustamante, J., Cuervo, J., & Moreno, J. (1992). The function of feeding chases in the chin strap penguin, *Pygoscelis antarctica*. *Animal Behavior*, 44, 753-759.
- Crowe, H., & Zeskind, P. (1992). Psychophysiological and perceptual responses to infant cries varying in pitch: Comparison of adults with low and high scores on the Child Abuse Potential Inventory. *Child Abuse Neglect*, 16, 19-29.
- Daly, M., & Wilson, M. (1995). Discriminative parental solicitude and the relevance of evolutionary models to the analysis of motivational systems. In M. S. Gazzaniga (Ed.), *The cognitive neuroscience* (pp. 1269-1286). Cambridge, MA: MIT Press.
- Donzelli, G., Rapisardi, G., Moroni, M., Scarano, E., Ismaelli, A., & Brusaglioni, P. (1995). Neurodevelopmental prognostic significance of early cry analysis in preterm infants. *Pediatric Research*, 38, 432.
- Figueiredo, E., & Paúl, C. (1985). Screaming and weeping in children within the age groups of 6, 9, 12, 15, and 18 months. *Acta Psiquiátrica Portuguesa*, 31, 17-25.
- Freud, S. (1988). *A interpretação dos sonhos* (Vol III). Lisboa: Ed. Livresiros, Lda.

- Frodi, A. M., Lamb, M. E., Leavitt, L. A. et al. (1978). Fathers and mothers responses to the faces and cries of normal and premature infants. *Developmental Psychology*, 14 (5), 490-498.
- Frodi, A. (1981). Contribution of infant characteristics to child abuse. *American Journal of Mental Deficiency*, 85, 341-349.
- Frodi, A. (1985). When empathy fails: Aversive infant crying and child abuse. In B. Lester & C. Boukydis (Eds.), *Infant crying* (pp. 107-123). New York: Plenum.
- Furlow, F. B. (1997). Human neonatal cry quality as an honest signal of fitness. *Evolutional Human Behavior*, 18, 175-193.
- Gibello, B. (1979). Fantasma, linguagem, natureza: três tipos de realidade. In D. Anzieu, B. Gibello, R. Gori et al. (Eds.), *Psicanálise e linguagem* (pp. 45-57). Lisboa: Moraes Editores.
- Godfray, H. (1991). Signaling of need by offspring to their parents. *Nature* (London), 352, 328-330.
- Gomes Pedro, J. (1985). O comportamento do recém-nascido (3): estádios e a actividade motora. *Jornal de Psicologia*, 4 (4), 19-26.
- Gori, R. (1979). Entre grito e linguagem: o acto da fala. In D. Anzieu, B. Gibello, R. Gori, et al. (Eds.), *Psicanálise e linguagem* (pp. 103-104). Lisboa: Moraes Editores.
- Grafen, A. (1990). Biological signals as handicaps. *Journal of Theoretical Biology*, 144, 517-546.
- Grossman, K. E., & Grossman, K. (1991). Attachment quality as an organizer of emotional and behaviour responses in a longitudinal perspective In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Harris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 93-98). London and New York: Ed. Tavistock e Routledge.
- Lebovici, S. (1987). *O bebé, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lester, B. (1987). Developmental outcome prediction from acoustic cry analysis in term and preterm infants. *Pediatrics*, 80, 529-534.
- Luzes, P. (1983). *Da emoção ao pensamento*. Dissertação de doutoramento não publicada, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Lyon, B., Eadle, J., & Hamilton, L. (1994). Parental choice selects for ornamental plumage in American coot chicks. *Nature* (London), 371, 240-243.
- Malson, L. (1978). *As crianças selvagens*. Porto: Livraria Civilização.
- Morley, C., Thornton, A., Cole, T., Fowler, M., & Hewson, P. (1991). Symptoms and signs in infants younger than 6 months of age correlated with severity of their illnesses. *Pediatrics*, 88, 1119-1124.
- Murray, A. D. (1979). Infant crying as an elicitor of parental behaviour: an examination of two models. *Psychological Bulletin*, 86 (1), 191-215.
- Newman, J. (1985). The infant cry in primates: An evolutionary perspective. In B. Lester & C. Boukydis (Eds.), *Infant crying* (pp. 307-323). New York: Plenum.
- Rouchouse, J. C. (1981). Éthologie de l'enfant et observation des mimiques chez le nourrisson. *Psychiatrie de L'Enfant*, 1, 203-249.
- Spitz, R. A. (1988). *O primeiro ano de vida* (5.ª ed.). São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Widmayer, S. M., & Field, T. M. (1981). Effects of Brazelton demonstrations for mothers on the development of preterm infants. *Pediatrics*, 67 (5), 711-714.
- Winnicott, D. W. (1957). *The child and the family: first relationships*. London: Tavistock.
- Winnicott, D. W. (1988). *Os bebés e as suas mães*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1989). *De la pediatrie à la psychanalyse* (2.ª ed.). Paris: Ed. Payot.
- Zahavi, A. (1975). Mate selection – A selection for a handicap. *Journal of Theoretical Biology*, 53, 205-214.
- Zahn-Waxler, C., Friedman, S. L., & Mark, E. (1983). Children's emotions and behaviours in response to infants' cries. *Child Development*, 54, 1522-1528.

RESUMO

O choro tem sido vastamente estudado como indicador de diagnóstico de desordens de foro neurológico. Contudo, os contributos dos teóricos preocupados com a interacção mãe-bebé sugerem, ainda que indirectamente, a importância desta manifestação – choro – no contexto da relação entre o bebé e uma figura privilegiada. Lebovici sublinha, aliás, a importância do choro neste contexto quando diz: «basta imaginar o que seria a tarefa dos pais na ausência dos gritos: eles deveriam então adivinhar quando o bebé tem fome, quando ele está sujo, e quais são as suas diversas necessidades e desconfortos. Em definitivo, uma situação no primeiro contacto mais calma e menos ansiogénea, seria uma realidade mais preocupante, pois então ela constrangeria os pais a se interrogarem quase de maneira permanente sobre o estado do bebé.» (Lebovici, 1987).

Esta reflexão eminentemente teórica, que desenvolve, procura enquadrar o choro numa série de modelos teóricos diferentes e, a partir dessas abordagens, discutir a sua importância e função, no domínio da interacção mãe-bebé.

Palavras-chave: choro, interacção mãe-bebé.

ABSTRACT

Infant crying has been vastly studied as a diagnostic indicator of neurologic disorders. However, contributors from mother-infant interaction theory suggest,

even though indirectly, the value of this manifestation – crying – in the context of the mother-infant relationship. Lebovici underlines the importance of crying in this context when he says: «it is enough to imagine what would be the parents task without infant crying: they would have to be constantly guessing when the baby is hungry, when he is dirty, and what are his various needs and discomforts. Undoubtedly, a more calm and less anxious situation, at first view, would be

a more preoccupying reality, because it would constrain parents to be permanently interrogating themselves about the baby condition.» (Lebovici, 1987).

The present theoretical reflection attempts to frame infant crying in different theoretical models and, from those approaches, to discuss its value and function, in mother-infant interaction domain.

Key words: infant crying, mother-child interaction.